



HAL
open science

Para una etnografía sensível da experiência urbana ordinária. Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

Rachel Thomas

► To cite this version:

Rachel Thomas. Para una etnografía sensível da experiência urbana ordinária. Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos. Cadernos Proarq. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq, 2017, 27, pp.16-30. hal-01533255

HAL Id: hal-01533255

<https://hal.science/hal-01533255v1>

Submitted on 10 Jun 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial - NoDerivatives 4.0 International License

CADERNOS

PROARQ 27

RACHEL THOMAS

Para uma etnografia sensível da experiência urbana
ordinária

Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de
campo colaborativos

Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire

Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs

RACHEL THOMAS

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

Rachel Thomas

Socióloga, Pesquisadora permanente pelo CNRS e CRESSON - UMR 1563 « Ambiances, Architectures, Urbanités », Professora na Escola Nacional Superior de Arquitetura de Grenoble.

rachel.thomas@grenoble.archi.fr

<http://aau.archi.fr/equipe/thomas-rachel/>

Rachel Thomas

Sociologist, Permanent Researcher by CNRS and CRESSON - UMR 1563 « Ambiances, Architectures, Urbanités », Professor at the National School of Architecture of Grenoble.

rachel.thomas@grenoble.archi.fr

<http://aau.archi.fr/equipe/thomas-rachel/>

Introdução

Para abrir este número e atender à seleção feita pelo Comitê de Editoria¹, escolhi colocar no cerne do meu discurso a questão dos modos de apreensão “em situação” da experiência urbana. Assimilo tal experiência, para além de suas dimensões físicas e temporais, como uma experiência sensível, ou até carnal: qualquer frequência de espaços mobiliza os sentidos, a percepção, o corpo e os afetos do cidadão. Singular, essa experiência é também compartilhada. Embora sejamos todos diferentes, com sensibilidades e competências específicas, nós apreendemos e participamos de ambientes, cada um a sua maneira. Como é observada e transcrita essa experiência sensível, tal como acontece de forma singular e se desdobra de forma compartilhada em ambiências urbanas sujeitas, hoje, a lógicas de padronização, segurança ou preservação? Em outras palavras, como apreender e descrever a parte do sensível nos modos de “ser juntos” e nas maneiras de vivenciar com outras pessoas esses espaços públicos urbanos, senão insípidos, por vezes fragilizados, mas sempre desafiadores, tanto para o pesquisador quanto para o cidadão?

Essas questões atravessam alguns dos meus trabalhos de pesquisa recentes, relativos à assepsização das ambiências pedestres, aos enigmas levantados pelo reordenamento das mobilidades urbanas contemporâneas ou, ainda, aos modos de habitar um litoral sujeito a grandes riscos de erosão e submersão marinha. Embora a ecologia sensível por trás de cada um desses trabalhos faça valer o lugar do sentir e das ambiências urbanas nas dinâmicas homem/meio ambiente – renovando, assim, problemáticas tingidas de espacialismo –, ela também questiona diretamente as maneiras de observá-las e descrevê-las em contexto, ou seja, em sua complexidade, suas configurações mútuas e sua instabilidade.

O parti pris compartilhado por esse trabalho consiste em trabalhar tais problemáticas in situ, ou seja, imergindo-se em campos por vezes problemáticos, com outros coletivos de pesquisadores, vindos de áreas disciplinares distintas. Prevalece, nessa escolha, o argumento a favor de uma pesquisa “em ato” e “em carne”, atenta a pontos de vista moldados in situ tanto por “fazeres” quanto por vínculos (Hénnion, 2015). Essa dinâmica são, então, assimiladas caminhando, por meio de diversas experiências metodológicas (Fiori & Thomas, 2016), as quais, por experienciarem o corpo e os sentidos do pesquisador, o obrigam constantemente a deslocar seu olhar e interrogar a ordinariade do “ser e vivenciar juntos”.

Por conseguinte, são tanto os bastidores da pesquisa – não raro, calados – quanto essas experiências metodológicas – e, com elas, as adaptações a contextos (acadêmicos, disciplinares, práticos), com frequência, poucos familiares, as hesitações, os deslizamentos dos questionamentos tornados necessários pelo campo, os debates que acompanham essas mudanças de perspectivas – que busco relatar aqui, mostrando em que e como uma atenção à experiência urbana ordinária não pode, no fim das contas, se desfazer de um compromisso localizado, feito de experiências, de desejos, mas também, de controvérsias.

¹ Deixo, no entanto, os meus profundos agradecimentos por inaugurar a revista de pensar 17 esta ideia. Foi que me fez refletir sobre o lugar que o corpo ocupa em uma abordagem de experiência urbana ordinária. Permitir-me-ia, também, agradecer a Susel Falez, cumprida de muitas pesquisas de campo nos últimos anos, que editou atentamente esse artigo e me fez usufruir de seus comentários, sempre construtivos.

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

Experimentar as formas plurais da assepticização de ambiências pedestres²

As preocupações ambientais vigentes no século XXI alteram consideravelmente as ambiências da cidade pedestre. Na Europa e no continente americano, o entusiasmo pela caminhada acompanha-se de um polimento da cidade e de uma padronização dos cenários urbanos, podendo-se perguntar se estes não estão na origem de novas estéticas urbanas. Nas sociedades emergentes, o retorno dos enunciados higienistas acompanha-se de medidas explícitas de apaziguamento e organização da vida pública. A cada vez, essas evoluções produzem novos jogos de ambiência – por vezes, próximos de um marketing urbano (Zardini, 2005) –, dos quais conhecemos, desde os trabalhos fundadores de Georg Simmel (1903), Siegfried Kracauer (1921) ou, ainda, Walter Benjamin (1939), as incidências sobre as sensibilidades e sociabilidades de determinada época, as práticas urbanas e as relações com o ambiente. Contudo, sendo a figura do pedestre atualmente erigida em grande trunfo da cidade sustentável, pareceu-me interessante examinar as variações da experiência pedestre ordinária ocasionadas por essas novas estéticas pedestres. De que dinâmicas sensíveis procedem tais variações? Como se incarnam no dia a dia do pedestre? Como modulam sua experiência cotidiana dos espaços públicos?

Foi cruzando os pontos de vista de pesquisadores oriundos de laboratórios e áreas disciplinares diferentes (geografia, urbanismo, arquitetura, dança, sociologia urbana) , em três países (Canadá, Brasil e França), e envolvendo-os numa abordagem metodológica inovadora (fazer corpo – tomar corpo – dar corpo às ambiências urbanas)³ que tentamos revelar essa dimensão processual das relações entre ambiências urbanas e corpos andantes.

Sendo assim, no âmbito dessa colaboração, a Praça Victoria e a Praça Jean-Paul Riopelle, em Montreal, foram objeto de investigações empíricas em junho de 2010⁴. Inseridos no centro do Bairro Internacional, prestigiosa vitrine que destaca a internacionalidade da cidade, esses dois espaços receberam medidas de reordenamento aparentadas à cenografia urbana. Uma sucessão de jatos de água, a implantação de esculturas de artistas, jogos de contraste entre o mineral e o vegetal, estilização do mobiliário urbano, trabalho com as luzes e cores... Tudo isso oferece aos pedestres um quadro de deslocamento recreativo e exótico. Como uma prática pedestre cotidiana se inscreve e como a experiência se desdobra em tais encenações?

¹ Thomas, Rachel (sob a dir. de) Balez Suzel, Bambi Gabriel & Bernier, Aurélien (2010). Classification des ambiances piétonnes au XXI^e siècle, entre passivité et pluriactivité des corps en marche. Relatório de pesquisa para o Programa de pesquisa interdisciplinar Cidade e Meio ambiente (CNRS MPEDEM, Grenoble, Relatório de pesquisa UGre-con n.º 78).

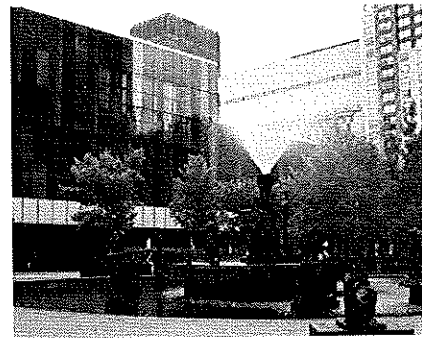
² A equipe do Centro Les Fabrik da Universidade de Montreal (com Sylvie Miletz e Esté Lévesque), a equipe do Laboratório Urbano (Faculdade de Arquitetura) da Universidade Federal de Bahia (com Frieda Borenstein-Jacques, Fabiana Brito-Silva e Nilo Custodi), e por fim, a equipe de trabalho na Escola Nacional Superior de Arquitetura de Grenoble (com Suzel Balez, Gabriel Bérube, Aurélien Bernier e em anexo).

³ Desenvolvendo suas investigações em Salvador da Bahia (em São Jerônimo e Salvador Shopping) e em Coimbra (em Praça Beaulieu), zona turística do Bairro Europeu), durante o período de 2009-2010.

RACHEL THOMAS

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
 Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos
Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs

FIGURES- 01, 02, 03, 04:

Praça Victoria e Praça Riopelle
(Montreal) - Encenações do
sensívelFotos: Suzel Balez, junho de
2010

Por ocasião do workshop que nos reunia, a equipe do Centro Léa Roback propôs que fossem investigados essa problemática e esses campos, por meio de uma "caminhada exploratória" (Michaud, 1993). Originalmente criada no âmbito de trabalhos de pesquisa sobre prevenção do crime em meio urbano, essa técnica de pesquisa leva em consideração a expertise dos usuários – e, em especial, a das mulheres – na avaliação do nível de segurança dos ordenamentos. Concretamente, uma caminhada exploratória consiste em inspecionar um local em grupo pequeno (de 4 a 6 pessoas) e em identificar as características físicas do ambiente suscetíveis de fomentar a insegurança.

Cada participante mune-se de um mapa detalhado do local, uma fita métrica para medir certos dispositivos ordenados e uma "caderneta de pesquisa", que apresenta um formulário de observação estrita do campo. Cinco rubricas pontuam esse formulário: saber onde se está e para onde se vai (foco na sinalização), ver e ser visto (foco na iluminação pública, na presença de obstáculos visuais e potenciais esconderijos), ouvir e ser ouvido (foco no nível e no tipo de frequência do lugar), obter socorro (foco na presença de dispositivos ou serviços de alerta e auxílio), manutenção e ordenamento do espaço (foco no nível de limpeza e cuidado dado ao local e no nível de vandalismo). Foram tiradas fotografias, sistematicamente; elas têm valor ilustrativo. A

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

caminhada exploratória é encerrada por uma reunião de síntese, ao cabo da qual são registrados os comentários, as fotos e as propostas de correção do ordenamento. Em seguida, são designados porta-vozes para encontrar eventuais parceiros (administrações públicas, proprietários, comerciantes, associações de usuários...), suscetíveis de trabalhar de forma concreta pela implementação das medidas recomendadas.

Embora a proposta da equipe montrealense não incluísse essa última vertente intervencionista, ela respeitou o protocolo inicial da caminhada exploratória, adaptando, porém, o conteúdo da caderneta de pesquisa à problemática que nos interessava. Dessa forma, as rubricas foram mantidas, mas buscavam menos identificar os fatores físicos e de ordenamento da insegurança do que caracterizar o tipo de ordenamento e o nível de assepticização das duas praças. Subjacente, desenhava-se a hipótese de uma codeterminação entre esses dois elementos. Foram estabelecidos três grupos de caminhantes. Em cada um deles, colaboravam quatro pesquisadores oriundos de diversas áreas disciplinares, de diferentes países e cujo nível de familiaridade com os locais variava. Buscava-se, assim, diversificar os ângulos de abordagem dos campos, permitindo que ocorressem escalas de observação diferentes e desenquadramentos de pontos de vista dentro dos grupos e, em seguida, entre os grupos, na etapa de síntese.

Rapidamente, a realização de cinco caminhadas exploratórias⁵ entre a Praça Riopelle e a Praça Victoria ensejou debate, tornando inteligíveis as diferenças de posicionamento entre os pesquisadores envolvidos, no tocante ao status do espaço, do observador e da imersão. Na caminhada exploratória, o espaço – limitado à sua dimensão construída e ordenada – é apreendido inicialmente como suporte funcional e como receptáculo das práticas urbanas cotidianas. Nessa perspectiva, qualificar o nível de assepticização dos locais consistia – nomeadamente, para os geógrafos e urbanistas presentes nos diferentes grupos – em revelar com precisão os dispositivos ordenados e caracterizar fisicamente as formas de polimento, separação de fluxos e ordenação das duas praças. As rubricas da caderneta de exploração moldavam o olhar dos pesquisadores de entrada, antes mesmo que se imergissem no campo. Mais do que uma observação, a caminhada exploratória tornava-se, assim, uma avaliação visual objetiva do espaço. Em reação a esse posicionamento, outro ângulo de observação foi reivindicado pelos demais pesquisadores, dentro dos grupos: a necessidade de se atentar para o espaço tal como se manifesta e se vivencia numa situação particular, nesse caso, a da exploração. Mais do que a dimensão estritamente física do espaço, o que interessava a esses pesquisadores era sua dimensão experiencial, sensível e, principalmente, plástica – ou seja, sua capacidade de modelar experiências e ser modelado por presenças, eventos ou qualidades. Recusando o status de observador-avaliador criado pelo dispositivo da caminhada exploratória, eles reivindicavam o de observador-experimentador. Nessa ótica, a imersão tornava-se o ponto de partida de uma apreensão corporal e carnal do espaço. Desviadas de suas funções primeiras, as rubricas da caderneta de pesquisa viraram pretextos para jogos de percepção que permitiam apreender a assepticização, em termos de variação de estados da relação homem-ambiência. Mais do que o mero olhar, solicitava-se, então, todo o corpo, ora abrindo os ouvidos ou tocando superfícies, ora cheirando a atmosfera, fechando os olhos, arrastando os pés... Para apreender melhor as dinâmicas de emaranhamento entre si mesmo e o espaço-tempo onde nos movíamos.

É a narração dessas dinâmicas e seus estados – sob forma de relatos escritos in situ

5. Essas cinco caminhadas, de uma hora cada, foram realizadas por cada um dos grupos, de dia e de noite, entre os dias 21 e 25 de junho de 2010.

e “miniaturas urbanas videográficas”⁶ – que permitiu superar a abordagem corretiva exigida pela caminhada exploratória. Além da qualificação das diversas modalidades da assepsização, revelávamos também sua complexidade e seus paradoxos, mostrando, por exemplo, como uma mesma configuração podia – conforme a situação – neutralizar a percepção e gerar estados de apatia, em razão de um excesso de efeitos sensoriais, embora um sentimento de envolvimento emergisse da mera presença de uma cobertura vegetal e de amenidades propícias à estadia.

Incumbir-se do implícito nas pesquisas de campo: a experiência da pacificação

A pesquisa MUSE “Os enigmas sensíveis das mobilidades urbanas contemporâneas” (Thomas et alii, 2014) – embora de magnitude bem distinta⁷ – prolongou esse questionamento exploratório e a colaboração com a equipe brasileira do Laboratório Urbano (Universidade Federal da Bahia). Sua duração (4 anos) permitia-nos investigar campos durante um período relativamente longo e, por conseguinte, apreender – num de seus quatro eixos de estudo – as dinâmicas de instalação e evolução daquilo que denominávamos, no início da pesquisa, os processos de assepsização ou apaziguamento das ambiências urbanas. Contrariando abordagens “especializantes” da constituição das sociedades urbanas contemporâneas, essa pesquisa buscava descrever os arranjos a partir dos quais os cidadãos experimentam e compartilham os espaços públicos. Perguntávamo-nos, portanto, como é orquestrado esse compartilhamento, em contextos de mobilidade penosos, porque violentos, caóticos, imprevisíveis e saturados no plano social e sensível. Quais são os know-hows acionados pelo pedestre? Como esses saberes interagem com os recursos materiais e sensíveis dos espaços?

A necessidade de imergir-se e “fazer juntos nos campos” emergiu da nossa experiência quebequense. Agora, impunha-se a de “fazer campo juntos”. O trocadilho não é neutro. Ele coloca imediatamente a questão do que representa o trabalho de campo para as duas equipes e do nível de envolvimento (in situ e no longo prazo) dos pesquisadores. Compartilhávamos a ideia de que o campo é um contexto espacial, social e sensível movediço, a partir do qual os pesquisadores podem observar a forma como a vida urbana acontece e como a relação ordinária com a ambiência se tece, envolvendo não apenas as modalidades sensoriais do espaço, mas também, a sua experiência, seu corpo e seus afetos. Compartilhávamos, igualmente, a ideia de que o campo – bem como o posicionamento do pesquisador dentro dele – nunca é neutro e que ambos se influenciam mutuamente.

Tais questionamentos podem parecer ingênuos para qualquer pesquisador envolvido em abordagens etnológicas ou antropológicas. No meio da pesquisa arquitetônica e

6 Essas “miniaturas urbanas videográficas” – que propomos em referência aos trabalhos de Siegfried Kraussner sobre a “miniatura urbana” (1921) – podem ser consultadas no seguinte endereço: <http://www.uratcheemille.uba.br/ies/20miniaturas.htm>

7 Entre 2009 e 2014, esse programa de pesquisa financiado pela Agência Nacional de Pesquisa fez com que o Cheon e 7 outras equipes de pesquisa internacionais colaborassem: o Laboratório Urbano (Faculdade de Arquitetura) da Universidade Federal da Bahia (Brasil); o Instituto De Estudios Regionales y Urbanos da Universidad Simón Bolívar de Caracas (Venezuela); a Royal Holloway University of London; Plymouth University; Goldsmiths (Reino Unido); o Grup de Recerca sobre Efectos i Control Social (Faculdade de Geografia e Història) da Universidade de Barcelona (Espanha).

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

urbana, dentro do qual nossas duas equipes atuavam, eles não são tão comuns. Onde o determinismo espacial permanece forte, captar as transformações e a complexidade da cidade contemporânea sob o ângulo de suas modulações sociais e sensíveis, numa escala microscópica e a partir de um ponto de vista localizado, não é nada óbvio.

A Praça da Piedade e o Porto da Barra, em Salvador da Bahia (Brasil), foram os campos do eixo 1 desse programa de pesquisa MUSE³. A primeira é uma praça popular, totalmente ocupada por moradores de rua, que fizeram dela seu local de habitação. Apesar da instalação de uma grade para fechar seu centro, das numerosas tentativas de expulsão e da presença reforçada de uma Polícia Militar armada e intervencionista, os moradores de rua mantêm o controle desse espaço, agindo de forma implícita sobre as formas como os pedestres se deslocam e nela permanecem, proibindo o acesso à noite e aos fins de semana, colorindo amplamente a atmosfera do local e os sentimentos vivenciados ao atravessá-la.

Quanto ao Porto da Barra, trata-se de um bairro à beira-mar, que oferece a turistas e moradores uma vista fantástica sobre a Bahia de Todos os Santos. Mas, por trás da imagem de cartão postal e as formas de sublimação que ela gera junto aos pedestres – por trás, também, da aparente indolência das condutas e a cordialidade dos intercâmbios –, desenha-se um quadro de vida extremamente hierarquizado e violento, onde o lugar de uns e de outros não suporta qualquer deslizamento, onde a vigilância é permanente, onde a paz social só existe graças a relações de força e negociações (visuais e sonoras, de territórios, trajetórias, ritmos de presença e aparição...), implícitas entre todos.



FIGURE-05,06 et 07: Praça da Piedade, Porto da Barra (Salvador da Bahia)

Photos : Collectif Gresson, 2012



3. Três outros eixos de pesquisa compunham, ainda, esse programa, suscitando pesquisas de campo em Paris, Caracas, Londres e Barcelona: os espaços-tempo da mobilidade (eixo 2, sob direção de Sandra Escó e Pedro García Sánchez); vigilâncias em público (eixo 3, sob direção de Damien Marson); e o papel das práticas e dispositivos de humanização e equidade sensíveis da mobilidade (eixo 4, sob direção de Grégory Chébat).

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

Foi envolvendo-nos “pelo corpo” – hoje, eu diria “em carne” – na Praça da Piedade e no Porto da Barra e criando, entre nós, espaços de compartilhamento para nossas experiências localizadas, que “fizemos campo juntos”. Durante quatro anos, de forma repetida todos os anos, às vezes, por períodos curtos (de 1 semana até 15 dias), às vezes, por períodos de vários meses (4 meses, no caso de uma das pesquisadoras francesas), nossas duas equipes caminharam juntas⁹. Contrariamente à experiência montrealense, a caminhada – embora tivesse sido escolhida como meio de investigação – fez-se necessária, também, pelos campos. Dado o caráter não raro perigoso do espaço público brasileiro e da visibilidade de nossa condição de estrangeiros, a observação estática tornava vulneráveis os membros da equipe francesa. Ainda que banal para nós, essa prática indispunha, aliás, alguns membros da equipe brasileira: característica das categorias sociais mais desfavorecidas do Sul, a caminhada não era familiar para todos. Por conseguinte, tratava-se, para cada um de nós, tanto de capturar campos quanto de desaprender práticas, imagens, gestos, atitudes e formas de ser, a fim de adaptarmo-nos aos contextos. Para a equipe francesa, as primeiras imersões forçaram nossa “desacessorização”. Impossível fotografar (somente às pressas), filmar, gravar, carregar bolsas ou telefones. Apenas nossos corpos tornavam-se ferramentas de observação e apreensão da ambiência. Para uma parte da equipe brasileira, essa adaptação aos contextos passava por uma distanciação menor com o espaço e com outrem, bem como pela aceitação de uma exposição aos elementos e à violência (tanto física quanto simbólica) da rua.

Para os pesquisadores, cada “caminhada urbana coletiva”¹⁰ virava, assim, uma ocasião de estar “em contato” (do ponto de vista prático, corporal, perceptivo, afetivo) com o ambiente. As primeiras caminhadas levaram-nos a prestar atenção e qualificar as ambiências dos dois locais, as formas como se orquestravam os diferentes modos de deslocamento e intercâmbio. Prevalencia, pelo costume, a observação visual. A escuta também se exercia com acuidade, especificamente para os pesquisadores franceses, tanto por causa de sua formação sonora quanto de sua condição de estrangeiros. Mas, rapidamente, a hiperestesia circundante solicitava todos os nossos sentidos. A repetição dessas impregnações arrastava-nos, a cada caminhada, de uma atenção às qualidades do ambiente a uma atenção “àquilo que essas ambiências fazem com meu corpo, minha atenção, à forma como caminho e como me faço disponível ao outro”. A retranscrição dessas experiências sempre era realizada in situ. Esses compartilhamentos de experiências tomavam formas diversas: relatos orais, textos escritos, esboços, desenhos, mímicas, performances... As discussões com os coreógrafos e dançarinos da equipe brasileira foram, nesse quesito, especialmente enriquecedoras, para compreender a coplasticidade presente na experiência corporal da ambiência e tentar colocá-la em palavras.

Ao serem multiplicadas essas formas de descrição, o desafio era encontrar meios, não de ilustrar os trabalhos de campo, mas de traduzir a forma como eles nos testavam e como punham em questão nossos preconceitos. Esses relatórios sensíveis eram con-

⁹ Entre 2010 e 2016, esse programa de pesquisa financiado pela Agência Nacional de Pesquisa fez com que o Gueson e 11 outras equipes de pesquisa internacionais colaborassem: o Departamento Urbano (Faculdade de Arquitetura) da Universidade Federal de Bahia (Brasil); o Instituto De Estudios Regionales y Urbanos de Universidade Simón Bolívar de Caracas (Venezuela); a Royal Holloway University of London, Plymouth University, Goldsmiths (Reino Unido); o Grup de Recerca sobre Exclousió i Control Social (Faculdade de Geografia e Història) da Universidade de Barcelona (Espanha).

¹⁰ Geralmente envolvem pessoas divididas em cinco grupos homogêneos, participam sistematicamente de várias caminhadas urbanas coletivas, com duração média de 1h a 1h30. Os grupos eram sempre compostos por pesquisadores e estudantes brasileiros e franceses.

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

signados em blogs (redigidos em português e francês)¹¹, que não apenas os deixavam registrados, como também prolongavam o debate à distância (ou seja, fora dos tempos de prática dos campos) e sedimentavam a evolução das nossas descrições e análises.

Mas essas repetidas caminhadas também nos tornavam sensíveis a detalhes ínfimos, não raro, captados aquém da linguagem falada (Piette, 1996; Datchary, 2013), os quais, no longo prazo, impunham sua presença e, pouco a pouco, revelavam-nos um implícito: o de uma progressão lenta mas certa, com o passar do tempo, dos processos de pacificação desses espaços públicos urbanos, processos esses, que afetavam nossa experiência. Por “processos de pacificação dos espaços públicos urbanos”, designávamos – criando efeito de espelhamento com os processos de mesmo nome implementados pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro a partir de 2008, direcionados às favelas – todas as políticas e dispositivos de recuperação, desocupação e ordenação desses espaços públicos, bem como de controle de seus usos e fluxos. “Processo cultural, simbólico e moral, que teria como função reconfigurar a vida social dentro das favelas” (Machado, 2016), a pacificação também ocorreria nos espaços públicos urbanos e coloriria amplamente a experiência urbana.

Ainda que diretamente vinculada à nossa reiterada experiência dos campos, era, contudo, delicado para a equipe francesa formular essa hipótese. Políticos, o debate e as controvérsias agitavam internamente o grupo de pesquisadores brasileiros, que emitiam contra nós fortes reservas coletivas quanto à própria utilização do termo¹². A proposta que formulávamos, ao mesmo tempo, de documentar esses processos, valendo-se de vídeos para questionar o caráter pacificado dos campos¹³, exacerbava esse reticência. O problema era de natureza dual. Comunicacional para a equipe brasileira: qual(is) imagem(ns) do Brasil um grupo de pesquisadores estrangeiros poderia veicular abordando esses espaços públicos sob esse ângulo problemático¹⁴? Arriscávamo-nos, com o uso de vídeos, “verdadeira arma”¹⁵, a roubar imagens de um público desavisado – imagens cuja difusão (inclusive num quadro universitário estrito, garantidor de alguma ética) poderia estar sujeita a interpretações muito negativas da realidade social brasileira. Ética para a equipe francesa: como calar o que o trabalho de campo nos dava a ler, sem correr o risco de que o Outro interpretasse mal essa ética, ainda que já explicitada, como uma forma de exorcência?

A questão não está resolvida. Muitas vezes, o trabalho de colaboração é um trabalho de tato, difícil de ser conduzido. No entanto, a equipe francesa decidiu preservar essa atenção – que continua nos parecendo fundamental num trabalho que parte da experiência – àquilo que o campo é / permite / produz / desloca em relação às pressuposições do pesquisador e às suas maneiras de formular antecipadamente problemáticas e hipóteses de trabalho, antes mesmo de testá-las in situ.

11 <http://apaisement.wordpress.com> (em francês) e <http://atelier/ubia.blogspot.fr> (em português). Também foram publicados relatos desses ateliês em português, em diversos números da revista *Dobra-Costa* Menezes da Rocha, Maria Isabel & Wan-Dall Junior, Osvaldo Aarão (2012) “Fazer corpo, tomar corpo, dar corpo às ambiências urbanas in *RedObra* 10, ano 3. Disponível em: http://www.corporidade.dan.ubia.br/redobra/ano3/wp-content/uploads/RedObra_10_12.pdf

12 A proposta feita pela equipe francesa, já em 2012, de um tema de tese tratando da pacificação dos espaços públicos brasileiros junto à uma doutoranda recebida para uma estadia de pesquisa no Cresson – Maria Isabel Menezes da Rocha – levantou as nossas reticências. Essa tese – intitulada “O dispositivo de pacificação dos espaços públicos urbanos através de um percurso pela Avenida Sane de Serenídade” – foi defendida em 2015.

13 A hipótese foi amplamente trabalhada pela nossa colega Anore Bonini, que se ocupou da coordenação das experiências videográficas realizadas durante o ateliê “fazer corpo, tomar corpo, dar corpo às ambiências urbanas”, organizado pela equipe do Cresson, no âmbito de sua participação na 3ª edição da Corporidade. Para obter detalhes sobre esse ateliê, ver: <http://corporidade.wordpress.com/obras/fazer-corpo-tomar-corpo-dar-corpo-as-ambienas-urbanas/>

14 Cabe lembrar que entre 2010 e 2016, a comunidade internacional tinha seus olhos virados para o Brasil, em razão da organização da Copa do Mundo (2014), da organização da Copa do Mundo de Futebol (2014) e dos Jogos Olímpicos (2016).

15 A expressão foi utilizada várias vezes pelos nossos colegas brasileiros durante os nossos debates.

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

No longo prazo, graças a esse posicionamento, foram as transformações difusas da vida sensível ordinária na Praça da Piedade e no Porto da Barra que experimentamos de forma mais ou menos violenta, antes de descrevê-las; as mudanças evidentes, mas também, as modulações, as instabilidades, as oscilações desses processos de pacificação. Mediante a descrição de uma variedade de "estados de corpo" do pedestre em situação de pacificação – a sublimação, a mobilização, a tensão, a saturação, a vigilância, a vigilância preocupada, a disponibilidade –, mostramos como a implementação de tais processos desafia as modalidades ordinárias do viver-juntos e questionam o status do espaço público, como bem comum.

Sob o risco dos elementos: fragmentos de ecologia litoral¹⁶

A análise das capacidades de adaptação das sociedades litorais aos fenômenos de erosão e submersão (Tricot et alii, 2012) trazia – assim como esses trabalhos sobre a asseptização ou a pacificação dos espaços públicos urbanos – importantes questões sociais e políticas¹⁷. De que forma a perspectiva das mudanças climáticas altera a abordagem dos territórios de risco, tanto do ponto de vista do ordenador quanto do morador? Convocando quatro rubricas disciplinares – a geomorfologia, a sociologia, a geografia humana e a linguística –, Anne Tricot propunha questionar “a forma como sociedades regularmente confrontadas com riscos lidam com os mesmos”. Nessa perspectiva, a atenção dada à habitabilidade dos territórios litorâneos mostrava-se central; a equipe do Cresson¹⁸ tinha a tarefa de captar os modos de percepção do risco junto aos moradores e entender suas modalidades de ação. Após os danos causados em fevereiro de 2010 pela tempestade Xynthia, no oeste da França, era um tema de abordagem delicada.

A península bretã de Gâvres, no sul do Morbihan, foi um de nossos campos de estudo. Estendendo-se por uma superfície de 2km², povoada por cerca de 800 habitantes, ela é ligada à cidade de Plouhinec por um tómbolo de sedimentos arenosos, que constituem a única via de acesso entre o continente e a península. Fragilizado há vários anos pela erosão do litoral, esse tómbolo vem sendo objeto de diversos planos de conservação, que buscam aliar respeito da paisagem natural e restrições técnicas. Banhada ao norte por uma lagoa de 350 hectares (o pequeno mar de Gâvres) e, ao sul, pelo Oceano Atlântico, a península precisa, além disso, gerenciar o risco de submersão em caso de tempestades fortes, posto que algumas zonas habitacionais foram construídas abaixo do nível do mar. Foi por essa cotidianidade, em presença de elementos naturais (água, areia e vento), que nos interessamos, buscando captar as marcas (memoriais, materiais, sensíveis) da relação entre os habitantes e a fragilização de seu espaço de vida.

16. Thomas, Rachel (2012) “Les logiques d’habiter le littoral à risque – Faire avec, faire pour, faire face, faire contre... les faire ensemble” in Tricot, Anne (ed.) in del. ADAPTALITT “Capacités d’adaptation des sociétés littorales aux phénomènes d’érosion, submersion en crise aux changements climatiques”, Relatório de pesquisa para o programa ERG, MCFEL, pp.166-195.

17. Esta proposta insere-se no âmbito do programa “Resposta e impacto das mudanças climáticas” (Ministério de Meio Ambiente, da Ecologia, do Desenvolvimento Sustentável e da Energia) que levou em 2010 ao lançamento e desenvolvimento dos ordenamentos territoriais. À luz dessas transformações, cinco equipes participaram do projeto lançado por Anne Tricot, pesquistas da USR Paris – UMR 6584 Geomer, UMR 6583 Cresson, e USR 8117 Geomer no campo de ecologia pública e litoral na EHESS.

18. Coordenada por P. Cresson, que se submete a processo administrativo que desistiu.

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

Para isso, várias modalidades de pesquisa *in situ* foram simultaneamente implementadas durante uma estadia de uma semana em Gâvres, em maio de 2010¹⁹. A "deriva fotográfica" representou, para os pesquisadores, um primeiro contato com o campo. O objetivo era descobrir livremente a península, a pé, num trajeto indeterminado, fotografar o que lhes chamava a atenção visual e descrever, caminhando (com um gravador ou uma caderneta de anotações), suas diferentes impressões. Individual e não cronometrada, essa deriva podia ser uma oportunidade de encontrar moradores e travar um primeiro contato. Colocando-nos em presença dos elementos, ela ajudava-nos a desenhar um primeiro retrato paisagístico e climático da península. Uma visita "especializada", coordenada pelos nossos colegas da Géomer, completava essa exploração sensível com um levantamento geomorfológico das marcas de erosão e submersão.

"Visitas guiadas" da península, em companhia de moradores, permitiram, em seguida, "entrar" ainda mais na vida cotidiana de Gâvres, e captar as múltiplas facetas da relação ordinária com esses elementos naturais. Esta segunda modalidade de pesquisa podia ser preparada antecipadamente, marcando horários, ou ser realizada espontaneamente, na esteira de algum encontro. Em termos concretos, essa visita tomava a forma de um passeio – em geral, de cerca de duas horas –, durante o qual o morador apresentava a península ao(s) pesquisador(es). Também nesse caso, o trajeto ficava em aberto, portanto. Os comentários eram sistematicamente registrados. Não raro, a visita acabava na casa do morador ou em algum café, para prolongar o diálogo. Embora, no início da visita, fossem vangloriadas a beleza das paisagens naturais e a calma de Gâvres, pouco a pouco, relatava-se a dureza de uma vida quase insular, a evolução das formas de vida ao longo da história, o apego e a desconfiança em relação às forças naturais e as táticas implementadas em diferentes escalas para se proteger delas. Essas visitas tornavam os pesquisadores depositários de uma fala memorial constitutiva da história de Gâvres, bem como das relações de morador com a península. Elas invertiam igualmente a relação especialista/não especialista, uma vez que o morador desenvolve uma familiaridade com o risco e uma capacidade de leitura dos elementos naturais compartilhada por poucos pesquisadores.

Essa passagem de um retrato paisagístico para um retrato experiencial de Gâvres terminava com uma terceira modalidade de pesquisa: a "reativação fotográfica". Tratava-se, então, de mergulhar na história de Gâvres, apontando permanências do passado e transformações mais ou menos evidentes e brutais da península. Para isso, duplas de pesquisadores organizavam, num dos cafés de Gâvres (ou dentro da livraria), momentos de discussão sobre algumas fotos (cartões postais, imagens antigas e recentes, fotos tiradas durante as visitas guiadas). Embora o registro dessas discussões tivesse sido previsto, foi rapidamente abandonado. Por um lado, as condições de gravação sonora não permitiam a inteligibilidade das falas a posteriori. Por outro lado, a presença visível do gravador despertava desconfiança, ao ponto de impedir, às vezes, as manifestações de quem não havia participado das visitas.

Todos os dias, essas diversas experimentações eram objeto de relatórios e discussões – sistematicamente registradas – entre os pesquisadores das diferentes equipes. Esses relatórios e esses debates eram nosso diário de bordo coletivo. Esse corpus era acrescido ao corpus de falas gravadas e imagens coletadas durante as visitas guiadas, as derivas ou as reativações fotográficas.

Mas após uma semana de pesquisa, a proximidade construída com uma parte da população tornava-nos devedores em relação à palavra ofertada. Em outros termos,

¹⁹ Cabe especificar que a presença de pesquisadores na península e seus tentos de trabalho tornava-se um requisito para a equipe acadêmica, necessariamente sendo anunciados e aprovados.

cabia-nos restituir aos moradores de Gâvres essas palavras sensíveis e dar visibilidade a formas plurais de apreensão dos riscos de erosão e submersão. Além disso, o diálogo estabelecido com a equipe municipal de Gâvres, ponta de lança de uma renovação da reflexão sobre a gestão desses riscos, acentuava essa demanda por visibilidade, ao mesmo tempo em que tornava necessária a continuidade dos debates sobre a noção de adequação. Contudo, essa demanda societal – embora atendessem nossa problemática, obrigando-nos a testar sua relevância e desenhar mais precisamente seus contornos – colocava em questão tanto nosso status quanto nossa posição no trabalho de campo. Mais do que o pesquisador, era o cidadão e seu compromisso ecológico que podiam, dessa forma, ser diretamente questionados. Mais do que uma etnografia sensível da vida litorânea, era uma crônica jornalística de Gâvres que poderia nos ser solicitada. Como lidar, então, com as exigências da pesquisa e a demanda societal?

Para atender a esse desafio, a equipe decidiu experimentar, no ano seguinte, durante dois dias (20 e 21 de maio de 2012), um “ateliê participativo”. Seu objetivo era duplo: por um lado, reativar e verificar as pistas de análise formuladas ao cabo da semana de pesquisa; por outro lado, tornar inteligíveis e compartilháveis as controvérsias existentes quanto à gestão do risco. Sendo assim, três ateliês foram coordenados pelos diferentes membros da equipe: um ateliê de escrita, um ateliê de fotografia aérea e um ateliê de som. Tíam como princípio comum fazer com que a população de Gâvres (em especial, quem não tinha participado das pesquisas conduzidas em 2011) respondesse a algumas propostas de retranscrição das sensibilidades litorais captadas no ano anterior, torná-las mais precisas e fomentar, também, a circulação de falas e a manifestação de novos comentários ou novas controvérsias. Além disso, o ateliê de som ensejava uma espécie de “contradoação”, posto que um CD havia sido composto (a partir de vários trechos de gravações resultantes das visitas guiadas e das reativações fotográficas) e encaminhado aos moradores.

Com esses diferentes ateliês, e como durante a experiência no Brasil, fazíamos com que a paisagem acontecesse ao mesmo tempo em que a observávamos. Revelando a pluralidade das formas de se habitar o litoral – fazer com/fazer para/fazer diante/fazer contra o risco (Thomas, 2012) –, nós colocávamos em questão, por conseguinte, a abordagem estritamente tecnicista do risco e o foco dado à noção de catástrofe natural.

Etnografar a vida sensível urbana: o interesse da iteração

Nos Essas três experimentações metodológicas – embora alimentem “uma abordagem ecológica das experiências urbanas” (Pecqueur, 2012) – revelam, cada uma, uma etnografia sensível do urbano. Mas uma etnografia sensível que propomos a chamar de iterativa. Várias razões nos levam a arriscar esse qualificativo. Primeiramente, no plano empírico: explorações, derivas, caminhadas, visitas... são repetidas e supõem, cada uma, posições imersivas que, em nosso entender, são as únicas que permitem apreender e traduzir as lentas transformações sensíveis do ser-juntos em meio urbano. De fato, a caminhada, sob todas as suas formas – permitindo a multiplicação e ângulos de observação, mobilizando o corpo do pesquisador e exigindo-lhe adequações –, oferece necessariamente uma pluralidade de perspectivas qualificativas sobre o existente. Mais do que uma unicidade dos pontos de vista e das análises, ela os desloca, os multiplica, os coloca em movimento.

Para uma etnografia sensível da experiência urbana ordinária
Retornos sobre os bastidores de alguns trabalhos de campo colaborativos

*Pour une ethnographie sensible de l'expérience urbaine ordinaire
Retours sur les coulisses de quelques travaux de terrain collaboratifs*

Essa iteração coloca em movimento. Necessária, ela atua nos diversos coletivos que essas caminhadas fazem colaborar e transportam de um local a outro, de uma disciplina a outra, de uma forma de colocar os problemas a outra. Além dos deslocamentos físicos nos campos e nos diferentes tempos da inersão, elas os exortam a romper com formas de raciocínio e de práticas de campo quase interiorizadas, a dar um passo em direção do outro para tornar explícito o implícito, a mover-se rumo a outras maneiras de questionar para pensar novamente o objeto de estudo. Em outras palavras, “os conceitos, modelos e relatos que dão forma aos dados emergem da multiplicidade de testes perceptivos e práticas atravessadas no campo. [...] Mas sua legitimidade resulta do fato que eles indicam estratégias de pesquisa: eles sempre são pré-articulados por teorias alternativas, formuladas na cooperação com os atores ou na controvérsia com os colegas” (Céfaï, 2003). Nesses processos de rompimento e ajuste dos pensamentos, o ponto cego torna-se, então, o do tempo. Dizer claramente em que momento o pensamento vira, as análises se ajustam, a porosidade dos pontos de vista se opera, segue sendo extremamente complicado. Mas, em todos os casos, essa iteração – e a flexibilidade que ela permite – parece-nos fundamental. Acreditamos que é apenas sob essa condição que uma análise sensível das relações plurais entre o homem e sua ambiência cotidiana pode ser conduzida.

Referências

- BENJAMIN, W. *Paris, capitale du XIXe siècle. Le livre des passages*. Paris: Ed. du Cerf (1ère ed. 1939), 1989.
- CEFAÏ, D. *L'enquête de terrain*. Paris: La Découverte, 2003.
- COSTA, M. I. M. da R.; WAN-DALL, O. A. J. Fazer corpo, tomar corpo, dar corpo às ambiências urbanas. In: *ReDobra* 10, ano 3, 2012. Disponível sur : http://www.corpocidade.dan.ufba.br/redobra/ano3/wp-content/uploads/Redobra_10_12.pdf
- DATCHARY, C. *Petit précis de méthodologie. Le sens du détail dans les sciences sociales*. Lormont: Le Bord de l'eau, 2013.
- FIORI, S; THOMAS, R. L'immersion par corps des chercheurs. Expérimentations méthodologiques à Salvador da Bahia et Caracas. In: *Corps. Revue interdisciplinaire*. Paris: CNRS Éditions, n° 14, 2016, pp.229-237.
- HENNION, A. Enquêter sur nos attachements. Comment hériter de William James ?. *SociologieS*, Dossier **Pragmatisme et sciences sociales : explorations, enquêtes, expérimentations**, 2015. [en ligne] : <http://sociologies.revues.org/4953>.
- KRACAUER, S. *Le voyage et la danse. Figures de ville et vues de films*. Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme (1ère ed. 1921), 2008.
- MACHADO, C. Peace challenges and the moral weapons of pacification in Rio de Janeiro. *L'Homme. Revue française d'anthropologie*, n°219-220, Paris: Éditions de l'EHESS, 2016, pp. 115-147. [en ligne] : <https://lhomme.revues.org/29067>
- MICHAUD, A. *Guide d'enquête sur la sécurité des femmes en ville*. Ville de Montréal, 1993.
- PECQUEUX, A. Pour une approche écologique des expériences urbaines. *Tracés. Revue de sciences humaines*, n° 22 « Écologiques. Enquêtes sur les milieux humains », 2012,

pp.27-41.

PIETTE, A. **Ethnographie de l'action. L'observation des détails**. Paris: Métailié.,1996.

SIMMEL, G. **Les grandes villes et la vie de l'esprit**. Paris, Ed. de l'Herne (1ère ed. 1903), 2007.

THOMAS, R. (sous la dir. de) et alii. **MUSE : les énigmes sensibles des mobilités urbaines contemporaines**. Rapport de recherche pour le programme « Espace et Territoire » (édition 2010) de l'Agence Nationale de la Recherche, Grenoble, Rapport de recherche Cresson n° 87, 2014, 350 p.

THOMAS, R. Les logiques d'habiter le littoral à risque : faire avec, faire pour, faire face, faire contre : des faire ensemble » dans Tricot, Anne (sous la dir. de), **ADAPTALITT : Capacités d'adaptation des sociétés littorales aux phénomènes d'érosion submersion en prise aux changements climatiques**, rapport de recherche pour le programme GICC MEDTL, 2012, p.146-155.

THOMAS, R. (sous la dir. de) et alii. **L'aseptisation des ambiances piétonnes au XXIe siècle, Entre passivité et plasticité des corps en marche**. Rapport de recherche pour le Programme de recherche interdisciplinaire Ville et Environnement, CNRS MEEDDM ; Grenoble, Rapport de recherche Cresson n°78, 2010.

WAN-DALL, O. A. J. et SOARES, J. P. Partilha e conflito no espaço público. in: **ReDobra** 9, ano 3, 2012. Disponível sur : http://www.corpocidade.dan.ufba.br/redobra/ano3/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Partilha-e-conflito-no-espaco-publico.pdf

ZARDINI, M. (sous la dir. de). **Sensations urbaines**. Zurich, Lars Müller Publishers, 2005.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito e a qualidade das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma online a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.